

Bas'Illele Malomalo (2014). *Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento*. Curitiba, PR: CRV, 152 p.

Daniela Pinheiro de Oliveira

O epistemicídio<sup>1</sup> é uma particularidade de crenças e práticas discursivas relacionadas ao exercício de imprimir uma autoridade sobre os outros. Ao taxar o continente africano como um suposto deserto cultural e promover sobre ele todo um aniquilamento epistemológico e histórico, conferiram-se à África um lugar de subalternidade e incapacidade filosófica e cultural. Em outras palavras, a Filosofia Ocidental construiu uma autoimagem a partir do eurocentrismo e do etnocentrismo, por cujos reflexos perpassam a deslegitimação das filosofias produzidas em outros locais, principalmente referentes às do continente africano. Todavia, as Filosofias Africanas, assim como suas respectivas culturas, são compostas com o coração, e a razão é apenas mais um elemento desta integração. Assim, não existe um *eu* que pensa, mas um *nós* que coexiste. Deste modo, a filosofia é concretizada quando há um equilíbrio comunitário, cujo princípio é o nós em uma ética de comprometimento integral com outrem.

Neste âmbito, este livro de Bas'Illele Malomalo convida à compreensão de que a Filosofia deve ser entendida no campo das reflexões das Ciências Sociais que, por sua vez, vem a ser um produto da cultura, passível de ser usada para a dominação, subdesenvolvimento de um povo ou para a sua emancipação e desenvolvimento pleno. No caso específico da Filosofia Ubuntu, conecta-se com a experiência cultural, pois é plena convicção da prática da ciência com consciência, de modo a transmitir valores civilizatórios e conhecimentos para a construção de uma sociedade humana, como um princípio fundamental e condicional para a existência dos demais.

Ativista afro-congolês radicado na diáspora africana brasileira, Bas'Illele Malomalo é doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita/UNESP (2010), docente de graduação nos cursos das Relações Internacionais, Ciências sociais, com Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) do Instituto de Humanidades e Letras (IHL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), também docente colaborador no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania (PPSoc) da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), coordenador do Grupo de Pesquisa África-Brasil: Produção de conhecimentos, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global, pesquisador associado do Centro dos Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN-UNESP); da Rede para o Constitucionalismo Democrático Latino-Americano, Pesquisador e membro do Comitê Internacional da Cadeira da Unesco Educação Transformadora, Democracia e Cidadania Mundial, da UQO, Canadá e expert da plataforma Harmony With Nature/ONU.

O autor Bas'Illele Malomalo também tem experiência na área de Ciências Sociais, História da África e do Negro no Brasil, atuando principalmente nos temas seguintes: sociologia africana, estudos das relações raciais, multiculturalismo, migrações, cooperação internacional, desenvolvimento sustentável, direitos da natureza, segurança alimentar e nutricional. É atualmente estagiário pós-doutorado no Instituto da Biociência/ Departamento de Educação/UNESP-Botucatu e pesquisador do Centro de Ciência e Tecnologia para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (INTERSSAN-Unesp).

“Filosofia do Ubuntu: Valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento” é resultante de algumas de suas inquietações quanto aos problemas enfrentados pelos negros(as) brasileiros(as) e africanos(as) da diáspora brasileira. A seleção dos materiais produzidos foi motivada pelas diversas situações marcantes da vida do autor, tanto no âmbito intelectual quanto em sua prática ativista, destacando ao longo dos capítulos as pessoas que fizeram parte destes momentos, inclusive, os seus alunos.

A obra é dividida em duas partes. A primeira contempla três capítulos, dedicados às políticas de cotas e ações afirmativas como possibilidades de desenvolvimento econômico e social não somente da população negra e indígena, mas da sociedade brasileira. A segunda parte, formada por nove capítulos, reúne as intervenções públicas e entrevistas, além de peças publicadas em mídias digitais. Pode-se dizer que o autor retrata neste compêndio a ciência como a ética do Ubuntu e alguns dos seus respectivos conceitos.

No que tange à primeira parte, Malomalo defende a criação de uma teoria de desenvolvimento multicultural como um quadro referencial teórico-metodológico, que possibilite qualquer pesquisador (a) que lide com os grupos sociais a interpretar as questões da diversidade étnica, das políticas de ações afirmativas e do desenvolvimento da população negra, sem a necessidade de prender-se no “*economicismo* sem o cultural, nem tampouco no culturalismo sem o econômico.” (p. 9).

O segundo trabalho da primeira parte situa o debate das políticas de ações afirmativas em suas relações com o desenvolvimento sustentável, tratando da problemática da política de ações afirmativas no quadro do pensamento crítico (p. 31). Aponta, além disso, para a importância das empresas hierocráticas, das “instituições religiosas cristãs e a sociedade brasileira, especificamente, com a temática das relações raciais” (p. 31) ultrapassarem o entendimento dominante neoliberal e conservador, tomando como partida o debate republicano sobre a integração do(a) negro(a) através de ações concretas, guiadas pela ética do cuidado, da justiça social, da responsabilidade, da solidariedade e do amor.

No último capítulo da primeira parte, intitulado “Valores civilizatórios das políticas de ações afirmativas para o desenvolvimento humano”, o autor contextualiza o debate sobre as ações de políticas afirmativas dos(as) negros(as) em sua relação ao

desenvolvimento humano, que “desde a abolição da escravidão, tem-se apresentado em termos de integração do negro na sociedade de classe” (p. 50). O autor aponta ações ético-políticas a partir da sua experiência no ensino de africanidades e da sua investigação sobre os programas em promover a igualdade racial e a respectiva diversidade. Sua tese indica que os valores essenciais, como fonte de sustentabilidade de uma sociedade em crise e para reinvenção de uma nova civilização brasileira, deverão ser alicerçados no horizonte da ética do cuidado, pautada na humildade, solidariedade, compaixão, responsabilidade, igualdade e reconhecimento do outro.

O primeiro capítulo da segunda parte do livro inicia-se com a entrevista, cujo autor interpreta a história contemporânea africana e brasileira a partir da filosofia Ubuntu. Dentre as oito questões realizadas, Malomalo define Ubuntu do ponto de vista filosófico e antropológico, como uma cosmovisão do mundo negro-africano, que “concebe o mundo com uma teia de relações entre o divino (Olodumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres inanimados) (p. 95). Ubuntu é também “uma crítica contra a visão simplista e interesseira” (p. 99).

Em seguida, ele aponta dois pequenos textos por ele publicados na rede social *Facebook*: “Políticas de cotas, um gesto de amor”, fruto de sua alegria em face da aprovação da constitucionalidade de cotas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2012 e o segundo texto, que apresenta a sua manifestação em resposta a uma juventude burguesa branca da Universidade Federal de Santa Maria, que se autoneomeou “Exercito Anticotista”. Destaca, a partir destas publicações, que “o termo *branco* deve ser entendido no quadro das teorias da branquidade ou branquitude, no qual ele é interpretado como um *poder simbólico* de concessão de *privilégios* políticos, econômicos, culturais e sociais.” (p.107).

O quarto capítulo confere a um texto publicado no blog do Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil (IDDAB), fundado em 2006, para os direitos dos africanos residentes no Brasil, como um ato de mobilização ao assassinato de uma jovem angolana, estudante de Engenharia da Uninove, resultante de discussões geradas por dois brasileiros que agrediram um grupo de jovens angolanos, chamando-lhes de macacos em um bar, nas regiões do Brás em São Paulo, no dia 23/05/2021. O incidente acarretou em ações com outros atores da sociedade civil dos imigrantes brasileiros, reivindicando justiça por parte das autoridades.

Também constam no livro duas entrevistas realizadas para o jornal dos imigrantes sul-americanos, denominados “Conexión Migrante” e para a “Revista África 21”, sendo a primeira a respeito da situação da população afro-brasileira e africana, assim como sua trajetória pessoal, desde sua chegada ao Brasil em 1998 e a segunda sobre a sua visão a respeito da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que segundo o próprio autor, concentrava uma grande quantidade de

jovens estudantes africanos, onde se realizava uma efetiva cooperação internacional entre Brasil e África.

No texto intitulado “Memorial descritivo: meu eu no espelho”, escrito em outubro de 2012 em formato de memorial para um concurso público junto à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Malomalo compartilha alguns dos seus momentos de vida acadêmica, haja vista que sua escrita foi inspirada pela filosofia Ubuntuística. “Ubuntu: Eu existo por que nós existimos (...). O leitor perceberá que a minha vida intelectual se confunde com meu ativismo social sobre os direitos humanos. (...) O que importa, em todo caso, é o florescimento da chama do Ubuntu! Solidariedade Humana! (p. 121).

O penúltimo capítulo “Minha correspondência com Nego Zara: o professor das africanidades é um truta!” traz seus textos produzidos nas interações de e-mails com seus alunos do curso de pós-graduação em História da África e do Negro do Brasil da Universidade Camilo Castelo Branco (UNICASTELO). Os conteúdos destas tratativas debatem sobre eventuais diferenças de postura do professor ou da professora de africanidades negro(a) e branco(a) frente a situações de racismo, cuja “consciência é um mundo da emoção, da sensibilidade, da ética de onde brota a militância” (p. 140). O docente independe de sua cor e deve ser como um “truta”, - termo aprendido com seu aluno de grande estima Nego Zara, - ou ainda, “um malungo: companheiro de viagem no planeta Terra” (p. 141) que, por sua vez, usa o conhecimento para si mesmo e para seus alunos de modo que sejam permeados para a força civilizatória, transformadora e não segregacionista.

A síntese de suas vivências em 2012 está descrita no último capítulo, sob o título “Odará: a beleza do Ubuntu, a festa é nossa”. De forma artística e ubuntuística, o texto expressa uma das ideias do mundo africano, a saber, de que a vida é o ciclo entre a vida-morte-vida pois, segundo o autor, após ter passado por contritos de cunho pessoal e profissional, recuperou-se, estimulando-se para as novas missões, semeadas através do Ubuntu. Nota-se, portanto, que a Cultura e Filosofia africanas se edificam a partir da ancestralidade, dos conhecimentos que nos nutrem desde o útero materno. A ancestralidade nos instiga a ser o nosso próprio ponto de partida e de chegada. Permitir-se marcar pelas experiências e histórias dos saberes ancestrais é vivenciar uma filosofia prática, a partir da qual o exercício é espiritual e não somente intelectual. Em outras palavras, utilizar o intelecto para exercitar o espírito.

As impressões obtidas ao longo das 152 páginas desta publicação apresentam o autor como sendo um sujeito da concepção Ubuntu, revelando a sua postura ética e singular, com um profundo olhar para o outro humano. O sujeito que não emerge de um método racional introspectivo se manifesta nos encontros e desencontros da vida, através de suas experiências espirituais, corporais, afetivas, sociais, racionais, éticas, ancestrais que nos permitem a ampliação da consciência. Em suma, é possível afirmar que o livro oferece aos dias atuais, através das vivências, experiências, uma

possibilidade de subjetivação e organização social que está além das estruturas racistas e egoístas, inseridas em nosso meio cotidianamente.

A Filosofia Ubuntuística, praticada e vivida pelo autor, também está alicerçada em pilares como: “eu sou porque nós somos”. Desta forma, em vez de uma sociedade privatista e uma subjetividade individualizante, a opção dada ao leitor é a busca da promoção de uma subjetividade ancestral e uma comunidade pluriversal, como possíveis soluções para ascensão não só os povos negros e indígenas, marginalizados historicamente, mas o desenvolvimento de toda a sociedade brasileira.

#### Notas

<sup>1</sup> É o fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam [...]; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das condições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso escolar. A esses processos denominamos epistemicídio. Sueli, C. (2011). Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil: Selo Negro.

**Daniela Pinheiro de Oliveira**

Doutoranda em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE),  
São Paulo –SP, Brasil.

E-mail: danikapio@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4592-4488>

